

ID: 121874610

05-03-2026



"Quem dera a 90% dos lisboetas, cada vez mais apertados em andares minúsculos, poderem regalar-se com uma casinha destas!" Estamos em 1956 e a revista feminina *Eva* (dedicada às questões "da mulher e do lar") organiza o seu "arrojado" sorteio de Natal. A leitora a quem sair a "sorte grande" ganhará uma casa, como já é habitual. Desenhado pela dupla de arquitectos Victor Palla e Bento d'Almeida, o projecto fora apresentado na Exposição Geral de Artes Plásticas desse ano como uma solução para vivendas familiares de pequena área, numa altura em que era preciso resolver "o problema premente do pouco espaço que se levanta por toda a parte".

A edição de Dezembro, de Natal, da *Eva* custa 16\$00 (9,13 euros aos dias de hoje). No resto do ano, o preço normal é 7\$50. Estão em jogo 300 prémios, patrocinados, na sua maioria, pelos anunciantes regulares da publicação, criada em 1925 pela Empresa do Diário de Notícias, detentora do matutino, para ensinar às mulheres portuguesas como "fazer Arte e criar Beleza" nos seus lares.

A casa de 1956, lê-se na revista, terá uma área bruta de 108,40m² distribuídos por dois pisos com "dez divisões esplêndidas, cheias de luz e sol". Destaque para "um *living room* soberbo", dois quartos de banho, a cozinha, com "casa-de-banho para a criada" e um átrio de serviço.

O investigador do Centro de Estudos Nuno Portas, da Universidade do Porto, João Carlos de Almeida e Silva, está a fazer um doutoramento sobre "as casas que foram brindes publicitários" da revista *Eva*, depois de já ter dedicado a sua tese de mestrado às histórias e ao destino de várias das moradias e apartamentos em "prédios de rendimento" sorteados, ainda que com interrupções, entre 1933 e 1971 – sendo que a *Eva* continuou a entregar casas até 1988. O ano de 1933 é o primeiro em que do sorteio de Natal faz parte uma moradia (arquitecto Luís Cristiano da Silva), explica ao PÚBLICO. Não por acaso, é também o ano em que António de Oliveira Salazar lança a sua "política de habitação própria" como um pilar do regime, assinala, por seu lado, Rui Jorge Garcia Ramos, professor catedrático da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

"Trabalho em terra própria é o grande inimigo da taberna", disse o presidente do Conselho numa entrevista a António Ferro. Ou seja, ter casa própria desviava os homens "dos maus vícios". "A habitação é uma arma incrível", nas ditaduras como nas democracias, diz Rui

Ramos, que integra o grupo de investigação Atlas da Casa do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo.

Em Dezembro de 1956, são impressos 120 mil exemplares da *Eva* de Natal. A casa de Victor Palla e Bento d'Almeida vem com "tapetes, candeeiros, quadros, alguns *bibelots*", mobília e um "perfeito e moderníssimo equipamento técnico doméstico com aparelhagem das melhores marcas", que, promete-se, irá facilitar a vida da vencedora, "quer tenha ou não possibilidade de ter criada", prossegue o artigo. Inclui-se uma máquina de costura Oliva, um frigorífico ATE e uma máquina de lavar roupa Magic.

A "feliz contemplada" é a "d. Rosa de Sousa Santos", que escolhe um terreno em Colares para a construção. Os arquitectos, a pedido da família, ainda acrescentarão à moradia "uma nova casa-de-banho (privativa do quarto de casal)", um roupeiro e "dois pequenos anexos, um deles destinado à zona de lavar e arrumos de jardim e outro a capoeira".

Entre 1933 e 1988, são sorteadas pela *Eva* dezenas de casas para serem construídas em terrenos à escolha das premiadas, de Tortosendo, na Covilhã, a São Pedro do Estoril, em Cascais. "O meu doutoramento é sobre o impacto que esta iniciativa teve na divulgação da arquitectura moderna no país", diz Almeida e Silva. A *Eva* era "uma montra" estupefata.

Interessa-lhe ainda perceber como é que estas casas e esta publicação ("um guia seguro" sobre como se organiza "o lar moderno"), bem como os produtos e o estilo de vida por elas promovido, sobretudo os electrodomésticos, mudaram os hábitos e os consumos de então. E o impacto que isso teve na vida das mulheres: "Com a chegada dos electrodomésticos, há uma promessa de emancipação da mulher que não sei se algum dia se chegou a concretizar."

Quando os homens começaram a estender roupa

Não é de um dia para o outro que as mudanças sociais se reflectem na habitação. Mas se há sítio da casa onde é fácil captá-las, é na cozinha.

A primeira revolução aconteceu em 1926, quando a arquitecta Margarete Schütte-Lihotzky inventou a "cozinha de Frankfurt" – banca da corrida, armários, fogão, tudo organizado para ganhar espaço e eficácia. Seria aplicada nas casas que estavam a ser "construídas em massa" em Berlim, Frankfurt ou Viena, quando foi preciso dar-se condições de habitabilidade aos operários que alimentavam a indústria, lembra Ramos. →

DO QUARTO DA CRIADA ÀS COZINHAS ABERTAS

Derrubaram-se paredes e os homens foram para a cozinha. Os *smartphones* destronaram as TV e as salas reorganizaram-se. As casas democratizaram-se. E hoje querem suítes, *closets* e varandas com floreiras

Texto Andreia Sanches

ID: 121874610

05-03-2026



“Casas da Eva”: exteriores de 1933, 1955, 1962, 1965 e 1966. Interiores: cozinha de 1957; sala de 1965; e quarto de 1968

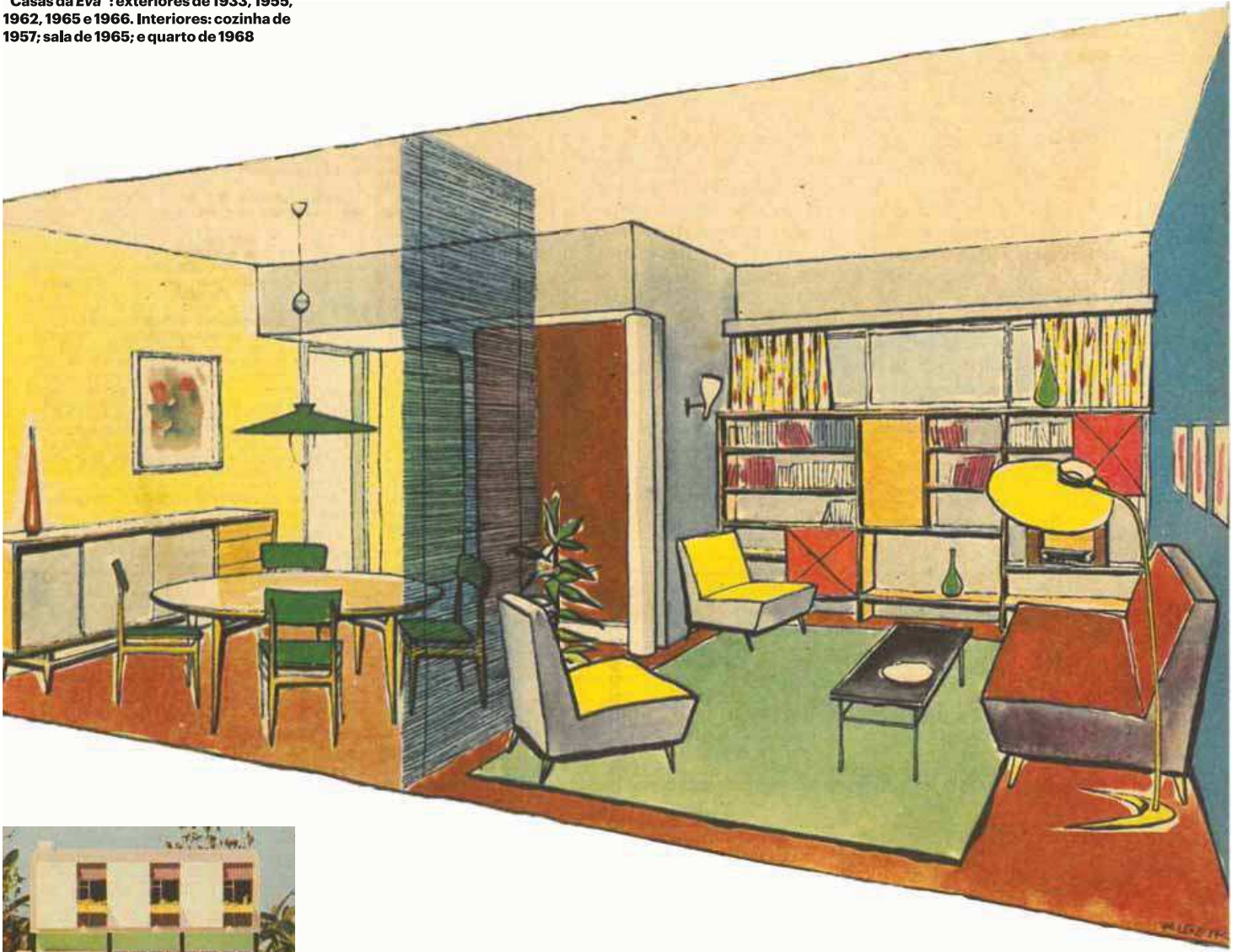


Imagem da revista *Eva* da casa dos arquitectos Víctor Palla e Joaquim Bento d’Almeida, decorada por Carlos Ribeiro (1956)

ID: 121874610

05-03-2026



O modelo da “cozinha de Frankfurt” generalizou-se pela Europa e está na base das cozinhas em forma de “linha de montagem” com as quais crescemos.

Mais tarde, o movimento de Maio de 1968 faria estremer os rígidos papéis de género. “As mulheres começaram a usar calças, a fumar, mesmo em Portugal, mas o mundo privado da habitação levou muito mais tempo a libertar-se” das barreiras que separavam o masculino do feminino, diz José Adrião, arquitecto com atelier em Lisboa. A cozinha continuava a ser um reduto de mulheres, fechado. Tal como o escritório das casas das famílias com mais poder económico era masculino, ponto final.

Mas a democratização do espaço doméstico acabaria por chegar. O novo bairro de Telheiras, anunciado em 1979, destinado “aos baby boomers portugueses que constituíam família na ressaca da Revolução”, é um dos exemplos apontados por Sandra Marques Pereira, investigadora do Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.

No capítulo que escreveu para a *História da Vida Privada em Portugal* (direcção de José Mattoso, edição da Temas e Debates), questiona: “Será o passa-pratos, essa abertura entre a cozinha e a sala existente em muitas casas de Telheiras, um incentivo a uma divisão paritária das tarefas domésticas entre o marido e a mulher? Não soará ainda a figura de estilo, a afirmação do empresário de 47 anos, residente na Telheiras dos anos 80, que diz que ‘em quase todas as janelas se vêem homens a estender a roupa’? Provavelmente, sim. Mas também é verdade que aqui já não há lugar para espaços exclusivos, e muito menos interditos.”

Para os moradores do também conhecido como “o bairro dos doutores”, lembra a investigadora nesse capítulo intitulado *Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar*, a casa é “o espaço de uma família que se pretende agora totalmente democratizada: sem diferenças entre marido e mulher”.

Depois vieram as ilhas e “derrubaram-se” as paredes...

Não tardou muito a que a cozinha voltasse a ser o palco de uma mudança profunda. É no final dos anos de 1990 que ter uma “ilha” se torna numa espécie de “sonho americano” na vida portuguesa, nas palavras de Ana Neiva, curadora, investigadora e professora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Esse módulo independente, geralmente localizado ao centro da divisão, não é uma mera bancada de preparação das refeições. É ponto de encontro da família e amigos, onde se come e onde se convive.

A moda foi importada das séries televisivas “como um sinal de modernidade, de estatuto”, mesmo em cozinhas muito mais reduzidas do que as instaladas nas casas “modernas” do pós-guerra nas periferias dos Estados Unidos ou nos *lofts* das décadas de 1980/90. Ao mesmo tempo, era “uma solução para resolver problemas de espaços muito pequenos”.

A “arquitectura de autor” resistiu a esse desejo. Até já não conseguir resistir mais.

Com as ilhas, “derrubaram-se” as paredes. “De há uns dez anos para cá, os nossos clientes começaram a querer as cozinhas abertas para a sala”, conta José Adrião. Coincide com a chegada dos homens à cozinha (sobretudo quando

há visitas em casa), com a mediatização do *showcooking* e dos *chefs* que preparam pratos ao vivo, à frente dos comensais. E com a adopção de hábitos de alimentação mais saudável – “menos fritos e óleos, menos cheiros”.

A crescente sofisticação dos “robôs de cozinha” dão uma ajuda, ao pôr ordem no caos daquela divisão onde dantes, à hora do jantar, os tachos fumegantes se acumulavam no fogão – e, já agora, ao fundo da qual, em muitas casas, estava o quarto das empregadas, algo que em Portugal começou a ser comum entre as elites dos anos de 1940, e permaneceu nas plantas do que se construiria até aos anos de 1970, como diz ao PÚBLICO Sandra Marques Pereira. Voltaremos aqui em breve.

Para já, estamos em pleno século XXI, marcado por profundas transformações do núcleo doméstico, com a multiplicação das diferentes possibilidades de coabitação, já não só de pessoas que têm laços de sangue a uni-las, ou casais casados, mas de amigos, namorados, com ou (cada vez mais) sem filhos.

Entre 1960 e os Censos de 2021, a dimensão dos agregados domésticos encolhe de 3,7 pessoas, em média, para 2,5. Nada disto é indiferente se procuramos saber o que mudou nas nossas casas.

É certo que a omnipresente crise da habitação e a subida em flecha do preço do metro quadrado não tem correspondido a uma alteração radical da tipologia dos alojamentos. Mas há excepções. Lisboa – a cidade onde já em 1956 se sofria com “andares minúsculos”, como liamos na *Eva* – é uma delas. Ao arripio do que se passa no resto do país, na nova construção o peso dos T0 e T1 em Lisboa passou de 16% para 46% entre 2001 e 2019 (cálculos de Ana Moreira e Hugo Farias, da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa).

“A vida tornou-se mais ‘performada’ ainda antes de se ter tornado mais instagramável, e isso reflectiu-se no espaço doméstico”, continua Ana Neiva. “Derrubar paredes, como nos cenários das novelas”, integra essa lógica. Com uma vantagem: “Da cozinha onde se está a cozinhar, controla-se o filho que está na sala a brincar.”

... e a televisão deixou de ser o “altar” da casa

“É uma opção cheia de contradições, porque uma cozinha aberta deve ter um *backstage*, para onde vai o aspirador, a tábua de passar, o balde e a esfregona, os alimentos que não se conseguem arrumar nos armários”, diz Ramos. “E muitas casas não têm espaço” para estas soluções – 52% dos alojamentos familiares clássicos portugueses têm uma área útil de entre 60m2 e 119m2.

Ainda assim, a explosão dos serviços de lavandaria e entrega de refeições à porta terá contribuído para que se cozinhe menos, e para que seja viável reduzir os espaços para as tarefas domésticas. Os estafetas nas nossas vidas tornaram-se tão presentes que já há espaços pensados de raiz para que nos deixem as encomendas à entrada.

Fundidas as salas e a cozinha, “o fim do papel central da televisão” é a mais recente reviravolta na organização do espaço social da casa.

Na primeira década do século XXI, “começam a aparecer os sofás com *chaise longue*, cadeiras soltas, com tapete, mesa de centro que organiza o núcleo; as actividades familiares de lazer deixam de estar centradas em torno de

uma televisão ou aparelhagem”, que até ali eram quase um “altar”, sublinha Neiva. Hoje toda a gente tem *tablets*, *smartphones* e computadores. O entretenimento está na mão de cada um, “é individualizado e não familiar”.

Hoje queremos *closets* como os da Martha. E suítes

Mas porque ainda há pouco Ana Neiva falou na palavra “instagramável”, pedimos-lhe que dê mais exemplos do que diz ser a “lógica de cenário doméstico profundamente exacerbado pelas redes sociais”. E ela responde com... *Closets*.

Não há arquitecto a quem já não tenha sido pedido que arranje forma de fazer um “quarto de vestir”, mesmo se não há espaço para mais do que um simulacro de *closet* na habitação. “Houve uma altura em que toda a gente passou a inspirar-se nos da Martha Stewart”, a norte-americana que celebrou os luxuosos e extraordinariamente organizados *walk-in closets*.

Ter um *closet* com “grandes espelhos” é uma questão de arrumação (“as pessoas não gostam de armários virados para o quarto, mas não pensam que, se tenho de fazer um quarto de vestir, vão ficar com quartos mais pequenos”, lembra José Adrião) e de “estatuto”, como assinala Ana Neiva.

Tudo isto se discute na hora de fazer obras em casa, mas também se reflecte nos projectos de nova construção e nas conversas que os arquitectos têm quando se reúnem com os empreiteiros. Os empreiteiros, diz a arquitecta, “acham sempre que sabem melhor do que ninguém o que quer o mercado”.

E o que o mercado “desde o início dos anos 2000 quer” são suítes – mesmo se a partir da cama se dá de caras com a sanita quando, por uma distração, a porta da casa-de-banho ficou aberta, o que vai contra toda a regra do bom senso. “Chega a ser angustiante”, desabafa.

A regra passou a ser: casa-de-banho no quarto do casal, outra para cada dois quartos e outra social, junto à sala. “A covid-19 deu uma nova justificação sanitária ao WC [*Water Closet*] social, tornando-o, de algum modo, mais do que um extra, uma necessidade ‘indispensável’.” Por uma questão de higiene.

O bidé, esse, há anos que entrou em desuso. Um decreto de 2024, com alterações ao Regulamento Geral das Edificações Urbanas, foi a machadada final: a sua instalação deixou de ser obrigatória.

O mundo dá muitas voltas e a vida doméstica também. José Adrião introduz nesta conversa uma curiosidade: sabia que as primeiras suítes surgiram nos antigos “quartos das empregadas”, que “tinham casas-de-banho dedicadas para que patrões e empregadas não se cruzassem”?

Mais do que uma questão de “moralização”, diz a socióloga Sandra Marques Pereira, essa opção era o resultado de uma forte “demarcação social dos espaços domésticos”. Uma hierarquia que se revelava noutros detalhes, como o acesso aos edifícios e a distinção entre porta social e a porta de serviço: “A primeira mais larga e trabalhada, a segunda mais estreita, ao lado ou nas traseiras do prédio, subalterna, para ser usada pelos empregados.” A existência de dois elevadores era igualmente frequente, “sendo muitas vezes proibido que os empregados usassem o elevador dos senhores”.

Claro que estamos sempre, aqui, a falar de uma pequena fatia da realidade habita- ➔

A televisão foi durante décadas o elemento central da sala. Mas tem vindo a perder importância. Hoje toda a gente tem *tablets* e *smartphones*. O entretenimento “é individualizado e não familiar”

Uma cozinha na ilha de São Miguel, em 1964 (fotografia do livro *Laudalino da Ponte Pacheco 1963-1975*, Araucária Edições/Espólio da Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia)

Uma cozinha aberta, símbolo da “democratização”, numa casa da Bobadela (Loures), em 2026

ID: 121874610

05-03-2026



cional, “vemos isto, em Lisboa, em edifícios da Avenida de Roma, em Alvalade, na Sidónio Pais, por exemplo”, prossegue Sandra Marques Pereira. Não vemos isto nas “Casas para Famílias Pobres”, promovidas pelo Estado Novo para alojar os moradores das barracas que foram nascendo à volta da capital (nos anos de 1960 viviam mais de 40 mil pessoas, 5% da população da cidade). Nem “nas ilhas do Porto”, dos operários, bastante precárias, “onde se morria de tuberculose”, como lembra Rui Ramos.

Uma casa-de-banho para ti, outra para mim

Em 1970, ainda menos de metade da população portuguesa tinha água canalizada em Portugal. Pouco mais de 50 anos depois, em 2026, o tema é: quantas casas-de-banho são suficientes. Como assim?

“Nas casas que se construíram em massa até aos anos de 1980 havia uma casa-de-banho. Depois surgiu a segunda casa-de-banho. Depois a suite, e tudo o que é construção nova tem suite. Mas agora os casais já não querem partilhar o lavatório, querem dois. E dois duches. E duas sanitas”. E, idealmente, casas-de-banho separadas, mesmo, uma para cada um.

Há uma intimidade que deixou de se querer partilhar, diz. Ou uma noção de individualidade que nos casais heterossexuais de contextos socioeconómicos mais altos se traduz num regresso aos espaços divididos “por género” – já não é “o” closet, é um “closet para ela e outro para ele”. Pode parecer um paradoxo, mas, se os espaços sociais da casa se abrirem, os mais privados compartimentaram-se.

Susana Marques Pereira sinaliza ainda, no século XX, nas casas das novas classes médias, o desejo crescente de autonomia e privacidade dos vários membros da família com um maior investimento nos quartos – os dos pais e os dos filhos, sobretudo dos adolescentes. Também ela vê na recente multiplicação de casas-de-banho, incluindo uma para cada membro do casal, um sinal de como a casa contemporânea se desdobra cada vez mais “em múltiplas privacidades”. Ainda assim, por ora, a sala comum “não perdeu a sua centralidade”.

É evidente que nem todos os portugueses podem usufruir de casas com suites, ressalva no já citado capítulo da *História da Vida Privada*. Mas é um facto que, nas últimas décadas, houve uma melhoria habitacional sem precedentes. E que, “apesar de todas as particularidades dos habitares do Portugal contemporâneo”, assistimos a uma “redução das diferenças abissais que opunham urbanos a rurais, ‘burgueses’ a ‘populares’”. As vivências domésticas dos primeiros, diz Susana Marques Pereira, “foram ficando mais simples, polivalentes e informais”, as dos segundos “adquiriram complexidade, especialização funcional e formalidade”.

Das marquises às varandas com floreiras

Já aqui se falou da pandemia de covid-19 e seria impossível não o fazer porque é consensual que ela deixou marcas. Desde logo, com os espaços de transição e as entradas da casa a ganharem uma relevância que não tinham, diz Ana Neiva.

Rui Ramos cita um inquérito feito em 2023, após os confinamentos, a 1250 londrinos. Enfa-



balho? Não. Esse espaço, hoje, está no computador portátil que se leva para qualquer divisão, pode até ser na ilha da cozinha, antes da azáfama do jantar, ou numa parte da sala que se organiza para poder ter essa funcionalidade.

As casas do futuro não são sobre tecnologia

A flexibilidade das divisões da casa é, de resto, uma das grandes marcas da ideia de “casas do futuro”. As divisões devem adaptar-se às necessidades de cada agregado doméstico, em cada momento e etapa da sua vida – numa sociedade cada vez mais envelhecida faz ainda mais sentido. No corredor da casa que compramos hoje, devemos conseguir circular amanhã numa cadeira de rodas; numa casa-de-banho pensada para ser acessível é bom que se conte com espaço para o cuidador que vai ter de ajudar no banho. São apenas exemplos.

Além disso, “as casas têm de ter espaços diferenciados”, diz Rui Ramos, que tanto podem ser hoje quarto como amanhã sala. “Temos cada vez mais de falar de arquitetura universal.” As pessoas ouvem “casas do futuro” e “pensam em coisas muito complicadas”, com muita tecnologia. Mas não é isso, garante: o que a investigação sobre as casas do futuro nos diz, e o que está a ser testado em vários projectos, de iniciativa pública, aqui ao lado, por exemplo, na Catalunha, aponta para algo muito diferente.

Dá exemplos concretos, reais, de experiências que estão a ser levadas a cabo em Barcelona e nas ilhas Baleares: pensar no futuro é pensar, quando se está a conceber as garagens dos edifícios, que elas “têm de ter abertura para o exterior e iluminação natural para que um dia em que deixem de ser necessárias se possam transformar noutra coisa qualquer, num ginásio, ou numa creche”; é definir “que, por cada quatro apartamentos, só há um lugar de estacionamento, mas há um lugar para bicicleta por cada quarto”, e com isso fomentar o uso da bicicleta; é testar modelos que promovam a convivência geracional, constatando que as casas das pessoas mais velhas, que já não vivem com filhos, não são assim tão diferentes das dos muitos jovens, e que, por isso, faz sentido pensar em edifícios com tipologias idênticas, onde se juntam velhos e novos. Afinal, “a mistura é a chave do sucesso das políticas de habitação na cidade”.

As varandas com floreiras multiplicam-se (Terraces Mirear, em Miraflores, Oeiras, projecto da Solyd Property Developers)

A suites estão na moda: a regra passou a ser uma ou mais casas-de-banho no quarto do casal e closet

Recorremos mais a serviços de entregas e já há prédios com espaços próprios para as encomendas (Mirear)

À direita, os arquitectos Rui Ramos e Ana Neiva, docentes da Universidade do Porto